

The Role of the Philosophy Teacher as a Mediator of Dialogue

*José Weverton de Melo¹;
Ginete Cavalcante Nunes²;
Ana Paula Custodio Ferreira³;
Maria Adriana Calixto de Brito⁴*

Abstract: This article discusses the role of the philosophy teacher as a mediator of dialogue and reflection in the contemporary school context. In a scenario marked by information overload, social conflicts, and weak arguments, the teaching of philosophy assumes an essential role in the ethical, critical, and human development of students. Thus, the philosophy teacher needs to go beyond the simple exposition of content, becoming a facilitator of dialogical processes, a shaper of consciences, and a provoker of questions that stimulate autonomy and critical thinking. This work analyzes the pedagogical foundations of this mediating role, its challenges, and its possibilities for comprehensive education in secondary school.

Keywords: Philosophy; Dialogue Mediator; Reflection; Autonomy.

¹ Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- IF Sertão PE. E-mail: josewevertondemelo@gmail.com

² Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo IF Sertão PE- Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- IF Sertão PE. E-mail: ginetecavalcante@gmail.com ORCID: 0000-0001-6006-9702

³ Graduada em Administração de Empresas pela Faculdade Paraíso (FAP), com graduação em andamento em Pedagogia pela Estácio (Polo Juazeiro do Norte). Especialista em Docência e Metodologia do Ensino Superior pelo Instituto Dom José (IDJ), Fortaleza e, em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN). Mestranda em Administração pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

ana-paula.custodio@aluno.ufca.edu.br;

⁴ Graduação em letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e em Fisioterapia pela Centro Educacional Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Docente em Educação Especial em sala de Atendimento Educacional Especializado na Prefeitura de Juazeiro do Norte, Ceará. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN), em Psicopedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), em Fisiologia do Exercício pela mesma universidade, em Gestão Escolar (CETEB), em Docência do Ensino Superior pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA) e Dermato Funcional pelo Hospital São Camilo. adrianabritoassessoria@hotmail.com.

O Papel do Professor de Filosofia como Mediador do Diálogo

Resumo: O presente artigo discute o papel do professor de Filosofia como mediador do diálogo e da reflexão no contexto escolar contemporâneo. Em um cenário marcado por excessos informacionais, conflitos sociais e fragilidades argumentativas, o ensino de Filosofia assume papel essencial para o desenvolvimento ético, crítico e humano dos estudantes. Assim, o professor de Filosofia precisa ir além da simples exposição de conteúdos, tornando-se facilitador de processos dialógicos, formador de consciências e provocador de perguntas que estimulam autonomia e pensamento crítico. Este trabalho analisa as bases pedagógicas desse papel mediador, seus desafios e suas possibilidades para a formação integral no Ensino Médio.

Palavras-chave: Filosofia; Mediador do Diálogo; Reflexão; Autonomia.

Introdução

A escola contemporânea enfrenta desafios complexos, marcados por profundas transformações sociais, tecnológicas e culturais. Nesse cenário, torna-se cada vez mais urgente a formação de sujeitos capazes de pensar criticamente, dialogar com diferentes perspectivas, posicionar-se diante das questões éticas do mundo e atuar como agentes conscientes em uma sociedade plural. É nesse contexto que o ensino de Filosofia adquire relevância singular, não apenas como componente curricular, mas como prática formativa fundamental, capaz de promover o desenvolvimento intelectual, ético e democrático dos estudantes.

Diferentemente de outras áreas do conhecimento, a Filosofia não oferece respostas prontas: ela provoca perguntas. Ela questiona, tensiona, desnaturaliza o cotidiano e convida à reflexão profunda sobre temas como justiça, liberdade, verdade, identidade, política, ciência e existência. Por isso, o professor de Filosofia não desempenha apenas o papel tradicional de transmissor de conteúdos, mas assume a função essencial de mediador — alguém que cria condições para que o pensamento aconteça, que estimula o diálogo, que promove o confronto de ideias e que orienta a construção coletiva do conhecimento.

A mediação filosófica, nesse sentido, não é neutra: ela envolve sensibilidade, escuta ativa, respeito, abertura e responsabilidade. O professor precisa criar um ambiente seguro onde a diversidade de vozes seja acolhida, onde o contraditório seja valorizado e onde o estudante possa desenvolver autonomia intelectual. Como defendem Lipman (1990) e Freire (1996), a reflexão crítica nasce do encontro, da problematização e da colaboração — elementos fundamentais para uma educação que visa à emancipação humana.

No ambiente escolar atual, marcado por conflitos, polarizações e fragilidades emocionais, o papel do professor de Filosofia torna-se ainda mais estratégico. Ele atua como facilitador de diálogos que nem sempre são simples; como mediador de conflitos éticos e interpretativos; como orientador do pensamento crítico diante das múltiplas informações e discursos que circulam na sociedade; e como guardião de um espaço democrático de convivência e construção coletiva. Assim, o ensino de Filosofia assume uma função não apenas cognitiva, mas formativa, contribuindo para o desenvolvimento da empatia, da responsabilidade social e da consciência cidadã.

Dessa forma, investigar o papel do professor de Filosofia como mediador do diálogo e da reflexão significa compreender uma dimensão essencial da educação: sua potência para transformar indivíduos e sociedades. O presente artigo busca discutir essa função mediadora, destacando os fundamentos teóricos que a sustentam, os desafios enfrentados nas práticas escolares e as possibilidades pedagógicas que emergem quando o diálogo filosófico se torna eixo estruturante da formação no Ensino Médio. Trata-se, portanto, de reconhecer a Filosofia como prática de liberdade e o professor como aquele que, ao mediar o diálogo, abre caminhos para que os estudantes descubram o poder de pensar e transformar o mundo.

A Filosofia como campo da reflexão e do questionamento

A Filosofia, desde sua origem na Grécia Antiga, tem como marca fundamental o exercício do questionamento e da problematização da realidade. Para Chauí (2000), a Filosofia nasce da recusa ao senso comum e da necessidade humana de compreender criticamente o mundo, investigando fundamentos, sentidos e implicações das ações humanas. Nesse contexto, o ensino de Filosofia no ambiente escolar não se reduz à

transmissão de conteúdos, mas implica promover uma prática viva de reflexão, diálogo e investigação.

John Dewey (1976) destaca que a educação é um processo experiencial, no qual o sujeito aprende ao interagir com o ambiente e ao refletir sobre a própria experiência. Assim, quando a Filosofia entra na escola, ela se torna ponte entre a experiência individual e a reflexão coletiva, permitindo que os estudantes desenvolvam modos próprios de pensar, perguntar e compreender.

Nesse sentido, o professor de Filosofia ocupa papel fundamental: ele não é apenas um transmissor de conceitos, mas um mediador de experiências reflexivas. Seu trabalho consiste em criar condições para que os estudantes se tornem sujeitos do pensamento, formulando questões, identificando problemas e construindo argumentos próprios sobre a realidade.

O Professor de Filosofia e o Ato de Filosofar

Segundo Gallo (2012), ensinar Filosofia não significa ensinar apenas a história da Filosofia, mas possibilitar que o estudante filosofe. Aqui está a diferença essencial entre ensinar conhecimentos filosóficos e mobilizar o pensamento filosófico.

Aranha e Martins (2005) afirmam que o filosofar é um ato de estranhamento, reflexão e busca contínua de sentidos. Assim, o professor deve estimular no estudante essa postura interrogativa, levando-o a:

- questionar ideias estabelecidas,
- analisar discursos,
- identificar contradições,
- construir interpretações,
- avaliar argumentos.

Nessa perspectiva, o professor não é figura autoritária ou detentor final da verdade, mas um facilitador de percursos reflexivos.

Lipman (1990), com sua proposta da Filosofia para Crianças, apresenta o professor como mediador de uma comunidade de investigação, na qual todos aprendem juntos, dialogam e constroem sentido. Esse modelo pode ser adaptado ao Ensino Médio e ao ensino filosófico em geral, pois enfatiza:

- o diálogo como método,

- o questionamento como motor da aprendizagem,
- a cooperação como forma de construção coletiva do conhecimento.

Assim, o professor se torna um guia dialógico, capaz de estimular a participação, promover perguntas abertas e incentivar a formulação de ideias próprias.

O Diálogo como Ferramenta Filosófica

O diálogo, desde Sócrates, constitui o instrumento privilegiado da filosofia. Para Freire (1996), o diálogo é condição para uma prática humanizadora, pois implica reconhecimento do outro, abertura para novas visões de mundo e construção conjunta de sentidos. A prática dialógica exige:

- escuta ativa,
- respeito à diferença,
- argumentação fundamentada,
- disposição para revisar pontos de vista.

O professor de Filosofia, enquanto mediador, organiza o espaço e o tempo do diálogo, garantindo que todos tenham voz. Dessa forma, a sala de aula torna-se espaço democrático para a manifestação de opiniões, para o confronto respeitoso de ideias e para a produção compartilhada de conhecimento.

Rancière (2010) argumenta que a igualdade das inteligências é pressuposto essencial. Assim, a mediação do professor não está em “explicar” tudo, mas em estimular a potência intelectual de cada estudante, permitindo que se envolva ativamente com as questões filosóficas.

Mediação, Autonomia e Formação Crítica

A mediação filosófica tem como horizonte a formação da autonomia intelectual e ética. Kant (1784) define autonomia como a capacidade de o indivíduo pensar por si mesmo, sem depender da tutela intelectual de terceiros. No campo educacional, essa autonomia se traduz na habilidade de:

- analisar criticamente discursos,
- tomar decisões fundamentadas,
- assumir responsabilidade por suas ações,

- participar ativamente da vida social.

O professor de Filosofia contribui para esse processo ao criar situações desafiadoras, propor problemas éticos, estimular a argumentação e promover o pensamento crítico.

Segundo Severino (2006), o ensino de Filosofia deve proporcionar aos estudantes ferramentas conceituais e metodológicas para compreender o mundo em suas contradições, identificar opressões e imaginar alternativas. Assim, a Filosofia assume função emancipadora, articulada aos direitos humanos, à democracia e à justiça social.

Desafios na Atuação do Professor de Filosofia

O papel mediador do professor enfrenta desafios estruturais e pedagógicos, entre os quais:

a) Redução da carga horária

A diminuição do tempo dedicado à Filosofia restringe debates, leituras e práticas dialógicas.

b) Baixa valorização social

A visão utilitarista da educação tende a desqualificar disciplinas não técnicas, afetando o reconhecimento do valor formativo da Filosofia.

c) Falta de formação continuada

Muitos professores carecem de oportunidades de atualização teórica e metodológica, dificultando práticas inovadoras de mediação.

d) Fragilidades na formação leitora dos estudantes

Dificuldades de leitura e interpretação limitam a compreensão de textos filosóficos mais complexos.

e) Pressões por resultados imediatos

Avaliações padronizadas e currículos engessados reduzem o espaço para reflexão e diálogo.

Apesar disso, o professor de Filosofia encontra possibilidades de atuação crítica, criativa e transformadora, especialmente quando assume postura investigativa e dialógica.

Possibilidades para uma Mediação Transformadora

Mesmo diante dos desafios, o ensino de Filosofia pode se fortalecer por meio de práticas como:

a) Comunidades de investigação

Inspiradas em Lipman, permitem que os estudantes construam conhecimentos a partir de perguntas, debates e análises cooperativas.

b) Problematização de temas contemporâneos

Questões como tecnologia, democracia, direitos humanos, desigualdades sociais, identidade e ética aproximam a Filosofia do cotidiano discente.

c) Metodologias ativas

Debates, rodas de conversa, projetos, estudos de caso, podcasts, tiras filosóficas e análises de filmes fomentam o pensamento crítico.

d) Integração entre teoria e experiência

Ao relacionar conceitos filosóficos a vivências reais, o professor torna o aprendizado mais significativo e potente.

e) Educação em Direitos Humanos

A Filosofia contribui diretamente para formação ética, crítica e sensível — dimensões fundamentais em uma sociedade democrática.

Assim, o professor torna-se articulador de experiências que unem reflexão, diálogo, ética e sensibilidade, fortalecendo o protagonismo estudantil e a formação cidadã.

Considerações Finais

O papel do professor de Filosofia como mediador do diálogo e da reflexão revela-se não apenas relevante, mas absolutamente indispensável em um cenário educacional marcado por rápidas transformações, tensões sociais e desafios éticos complexos. A Filosofia, enquanto campo de saber que privilegia o questionamento, a argumentação e a busca de sentidos, encontra no professor seu principal catalisador, alguém capaz de transformar a sala de aula em um espaço vivo de construção coletiva do pensamento.

Ao longo do artigo, evidenciou-se que mediar não significa transmitir respostas prontas, mas criar condições para que os estudantes pensem por si mesmos, desenvolvam sua autonomia intelectual e se reconheçam como sujeitos críticos e participativos. O professor de Filosofia atua como provocador de perguntas, incentivador da escuta e articulador de diálogos, desempenhando um papel essencial na formação de jovens capazes de interpretar o mundo e intervir nele de modo consciente e responsável.

Além disso, o trabalho docente em Filosofia se conecta diretamente com a formação humanística e democrática, fortalecendo competências ligadas aos Direitos Humanos, ao respeito à diversidade e ao exercício da cidadania. Em um contexto permeado por discursos de ódio, polarizações e superficialidade informacional, o professor que ensina a filosofar contribui para a construção de uma cultura escolar pautada pela reflexão, pelo diálogo e pela empatia — elementos fundamentais para convivência ética e plural.

Por outro lado, não se pode ignorar os desafios que permeiam esse trabalho: a falta de valorização das humanidades, as práticas pedagógicas engessadas, as dificuldades de leitura dos alunos, a pressão por resultados imediatos e a instabilidade curricular. Tais obstáculos reforçam a necessidade de políticas de formação continuada, melhores condições de trabalho e reconhecimento institucional do papel formativo da Filosofia.

Apesar das dificuldades, as possibilidades são vastas. O ensino de Filosofia, quando bem conduzido, transforma a sala de aula em uma comunidade de investigação, onde cada estudante se torna protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Em vez de meros receptores de informações, os jovens assumem o papel de agentes reflexivos, capazes de dialogar, argumentar, escutar e construir sentidos coletivamente.

Conclui-se, portanto, que o professor de Filosofia é peça-chave no fortalecimento de uma educação crítica, humanizadora e comprometida com a formação integral dos estudantes. Sua mediação, orientada pela ética, pela sensibilidade e pela abertura ao diálogo, constitui um caminho potente para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para lidar com os desafios da vida em sociedade.

Assim, reafirma-se que filosofar na escola não é um luxo acadêmico, mas uma necessidade humana. E o professor de Filosofia, como mediador do diálogo e da

reflexão, é o guardião dessa prática transformadora — uma prática que educa para a liberdade, para o pensamento e para a convivência democrática.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvio. **Filosofia no Ensino Médio: Roteiro de Estudos e Reflexões**. Campinas: Papirus, 2012.

KANT, Immanuel. **Resposta à Pergunta: O que é Esclarecimento?** Tradução de Edson Bini. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Obra original publicada em 1784).

LIPMAN, Matthew. **O Pensar na Educação**. 2. ed. Tradução de Ann Sharp e outros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: Cinco Lições sobre a Emancipação Intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Ensino de Filosofia e Cidadania**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

●

Recebido: 12/05/2026; Aceito: 15/06/2026; Publicado: 30/06/2026